

Coleção Aventuras Grandiosas

Robert Louis Stevenson

A ILHA DO TESOURO

Adaptação de Isabel Vieira

3ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Capítulo 1

UM HÓSPEDE MISTERIOSO

Meu nome é Jim Hawkins. Escrevo este relato sobre a Ilha do Tesouro a pedido de meus amigos **SIR** Trelawney e Dr. Livesey. Para isso, terei de voltar ao ano de 17..., quando meu pai ainda vivia e era proprietário da Hospedaria Almirante Benbow. Tudo começou no dia em que um velho marinheiro de pele enrugada, usando um casaco azul, bateu à nossa porta.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a grande cicatriz no seu rosto queimado de sol. Usava uma bengala e olhou longamente a baía e os rochedos antes de pedir, em tom **INSOLENTE**, um copo de rum. Meu pai o serviu e, enquanto saboreava a bebida, ele comunicou que iria hospedar-se conosco.

— Pretendo demorar-me aqui. Sou um homem simples e só preciso de ovos, toucinho e rum. Podem chamar-me de “Capitão” — disse, ordenando ao rapaz que o acompanhava que levasse para cima uma pesada **ARCA**.

Soubemos depois, pelo rapaz, que ele escolheu nosso modesto hotel por ser bastante isolado. Era um hóspede calado e estranho. Passava os dias olhando o mar com uma velha **LUNETAS** de cobre e, à noite, ficava junto da lareira, bebendo rum.

— Eu lhe darei quatro **PENCES** por mês para fazer um serviço — disse-me um dia. — Se vir um marinheiro de uma perna só, avise-me imediatamente.

De início, pensei que o tal marujo fosse seu amigo, mas logo notei que ele temia o sujeito. Sempre que havia marinheiros na pousada, o capitão os olhava, desconfiado, evitando entrar na sala. Às vezes, bebia demais e cantava canções selvagens, que falavam no “caixão do morto”. Outras vezes, pagava bebida para todos os hóspedes e contava aventuras terríveis, cheias de piratas cruéis, naufrágios, enforcamentos e assassinatos.

Papai achava que as histórias **SINISTRAS** iriam afastar a freguesia, e ficou mais preocupado ainda quando o hóspede deixou de pagar suas contas. Foi cobrá-lo e só ouviu insultos. Violento, o homem esmurrava a mesa quando contrariado e não deixava ninguém tocar na sua arca de marujo.

Meu pai já estava bem doente nessa época e Dr. Livesey costumava visitá-lo

- 🔍 **SIR**: tratamento dado a pessoas de alta condição social na Inglaterra
- 🔍 **INSOLENTE**: atrevido, desaforado, arrogante
- 🔍 **ARCA**: grande caixa com tampa para guardar roupas ou objetos; baú, cofre
- 🔍 **LUNETAS**: telescópio, óculo
- 🔍 **PENCES**: menor fração da moeda inglesa, a libra esterlina
- 🔍 **SINISTRA**: temível, assustadora, fatídica



com frequência. Foi a única pessoa que enfrentou o capitão. Um dia, o médico explicava detalhes da medicação quando o marujo deu um soco na mesa.

— Silêncio no **TOMBADILHO!** — gritou, totalmente bêbado.

Dr. Livesey discutiu com ele e o marinheiro avançou para atacá-lo com uma navalha aberta na mão. O doutor aconselhou energicamente:

— Não ouse usar essa arma, senão vou mandar enforcá-lo. Além de médico, sou **MAGISTRADO** deste lugar.

O doutor também alertou-o de que, se não parasse de beber, morreria. O inverno chegou e, com ele, fortes **NEVASCAS. ACABRUNHADO**, o hóspede não trocava de roupas. Sujo e ensebado, saía para ver o mar com a luneta debaixo do braço e me perguntava sempre pelo marinheiro de uma perna só.

Mas foi outra pessoa que apareceu numa manhã gelada de janeiro. O velho estava nos rochedos quando um sujeito desagradável, a quem faltavam dois dedos da mão, entrou na hospedaria perguntando por Bill. Deduzi que esse era o nome do hóspede misterioso. Não me enganei.

— Cão Preto! — exclamou ele, muito pálido, ao voltar e dar com a figura.

— Sim, sou o velho Cão Preto, amigo Bill... Perdi dois dedos da mão, mas continuo o mesmo. Vamos festejar o reencontro com dois copos de rum?

Mandaram-me sair enquanto bebiam. Tentei escutá-los detrás da porta, mas só consegui ouvir gritos e palavrões. De repente, mesas e cadeiras voaram e os dois correram para fora, armados com facões. O capitão perseguia Cão Preto e quase o atingiu fatalmente, não fosse a tabuleta da hospedaria ter aparado o golpe. Até hoje essa marca pode ser vista na madeira.

Cão Preto conseguiu escapar e o capitão ficou **CAMBALEANDO**.

— Rum! — implorou. — Quero rum, Jim! Preciso ir embora daqui...

Corri buscar a bebida, tão nervoso que quebrei um copo. Quando voltei, o capitão estava desmaiado no chão. Minha mãe e eu não tínhamos força para levantá-lo. Por sorte, o Dr. Livesey chegou nesse momento.

— Ele está muito ferido? — perguntei.

— Que nada! Teve um ataque por causa da bebida, como eu havia prevenido. Vou fazer-lhe uma **SANGRIA** e logo estará bom. Ao menos desta vez.

- 🗡️ **TOMBADILHO:** superestrutura construída na popa (parte traseira) do navio, sobre o convés, em geral para alojamento de oficiais
- 🗡️ **MAGISTRADO:** indivíduo investido de poder público para promover a justiça; juiz
- 🗡️ **NEVASCA:** tempestade de neve
- 🗡️ **ACABRUNHADO:** abatido, prostrado, aflito
- 🗡️ **CAMBALEANDO:** vacilando, tremelicando
- 🗡️ **SANGRIA:** procedimento médico do passado, que consistia em tirar certa quantidade de sangue de uma veia para tratar algumas moléstias





O médico cortou a manga da jaqueta do hóspede. No seu braço havia várias tatuagens. A maior era uma forca, com um homem pendurado. Ao lado, estava escrito: “Bill Bones”. O doutor abriu a veia do capitão com o bisturi, o sangue jorrou na bacia e ele pareceu melhorar. Olhou-nos, amedrontado:

— Onde está Cão Preto?

— Não tem nenhum cão negro aqui — disse o doutor, sem entender nada, fazendo-o prometer que não beberia mais.

Mas eu não resisti aos seus apelos, depois que o Dr. Livesey se foi.

— Jim, preciso de rum, por favor! — implorou o velho, tremendo. — Você é meu único amigo! O rum sempre foi meu companheiro nas piores horas...

Trouxe-lhe um copo, que ele bebeu avidamente. Em seguida, o capitão falou-me sobre seus temores. Já haviam descoberto onde ele estava e viriam atrás de sua arca. Tinha de fugir depressa, antes que lhe dessem o sinal negro.

— Sinal negro?

— Um aviso, uma ameaça, Jim! Se Cão Preto ou o perneta aparecerem, chame o doutor e os guardas para agarrarem o que resta da **TRIPULAÇÃO** do pirata Flint. Eu era o **IMEDIATO** dele e o único que conhece o esconderijo do tesouro! Flint me revelou tudo na hora de sua morte, em Savannah!

Não falei com o Dr. Livesey na hora porque meu pai morreu naquela noite. A tristeza, o enterro e o trabalho na pousada ocuparam-me tanto, que só fui me dar conta do risco que corríamos dias depois. Um velho cego, apoiado numa bengala e vestindo um esfarrapado capote de marinheiro, agarrou-me perto da hospedaria e exigiu que eu o levasse até o capitão.

— Não posso... — murmurei. — Não sei do que está falando...

— Ah, não sabe, é? — reagiu o ceguinho, torcendo meu braço com força. — Vamos depressa, menino, senão eu o quebro todo!

Não tive outra alternativa. Conduzi o cego ao hóspede, que, mole de tanto beber, tentou se levantar ao ver a figura assustadora.

— Não levante, Bill! Serei rápido! Basta estender a mão! — disse o cego, colocando um papel dobrado na mão do capitão. — Pronto, cumpri a missão!

E desapareceu dali com agilidade espantosa. O capitão leu o que estava escrito e voltou-se muito pálido para mim:

— Ainda temos seis horas, Jim! Ainda podemos fugir!

Essas palavras misteriosas foram as últimas que ele pronunciou, antes de ter um novo ataque e cair morto no chão.

 **TRIPULAÇÃO:** conjunto de pessoas no serviço de uma embarcação

 **IMEDIATO:** marinheiro com funções logo abaixo do comandante, que o substitui quando necessário

Capítulo 2

O MAPA DO TESOURO

Contei à minha mãe tudo o que sabia. Ficamos apavorados. O corpo do Capitão estava na sala e os piratas poderiam voltar a qualquer momento. Por outro lado, seria justo pegarmos na arca a quantia que o hóspede nos devia pela hospedagem — se é que havia algum dinheiro lá dentro.

Resolvemos pedir ajuda aos moradores do povoado e corremos até lá. Mas ninguém teve coragem de voltar conosco à Hospedaria Almirante Benbow. Todos morriam de medo só de ouvir o nome do pirata Flint. Apenas um rapaz ofereceu-se para ir à casa do Dr. Livesey e solicitar reforço dos guardas.

— Pois nós vamos abrir a arca, Jim! — decidiu minha mãe com valentia.

Voltamos **TIRITANDO** de pavor e de frio. O morto estava no mesmo lugar e a pousada, em completo silêncio. Onde procurar a chave da arca? Vencendo a **REPUGNÂNCIA**, toquei no corpo e revistei os bolsos. Uma rodela de papel preto caiu, com a mensagem: “Você não passa das dez da noite”. O sinal negro!

Achei moedas, um dedal, linha, agulha, fumo, a navalha, uma bússola e um isqueiro antes de alcançar a chave, pendurada no pescoço do cadáver por um cordão engordurado. Subimos ao quarto. A arca tinha a letra B gravada na tampa e os cantos meio estragados. Um cheiro forte de tabaco despreendeu-se do seu interior quando a fechadura, enferrujada, finalmente abriu.

Debaixo de um terno dobrado com cuidado havia pistolas, uma caneca, pedaços de fumo, um velho relógio, bússolas e conchas. E o dinheiro? Um pacote embrulhado num **OLEADO** parecia conter documentos. Ao pegá-lo, ouvimos o tilintar de moedas e um grande saco de lona apareceu.





— Vamos tirar o que é nosso. Nem um centavo a mais! — disse mamãe.

A tarefa era difícil, pois misturavam-se ali moedas de vários países. Eu estava acabando de contá-las quando o silêncio da noite foi quebrado por um toque de bengala na entrada da hospedaria. O cego!... Alguém forçava a porta da rua!... Agarrei as moedas e o pacote de documentos e apressei mamãe:

— Depressa, vamos fugir!

Saímos pelos fundos. Mamãe estava mais pálida que a lua cheia. Sete ou oito homens, comandados pelo cego, entravam com **ESTARDALHAÇO** na pousada. Não daria tempo de chegar ao povoado. Arrastei mamãe, quase desmaiada, para debaixo da ponte do riacho e me esforcei para ouvir melhor.

— Bill está morto! — gritaram, enquanto subiam e desciam as escadas.

-  **TIRITANDO:** tremendo de frio
-  **REPUGNÂNCIA:** nojo, asco
-  **OLEADO:** tecido impermeabilizado com alcatrão
-  **ESTARDALHAÇO:** barulhada, estrondo





De repente, ouvi barulho de vidraças quebradas e uma voz em fúria:
 — Ei, Pew, a arca está toda remexida! E os papéis de Flint sumiram!
 Entendi que Pew era o nome do ceguinho, pois podia vê-lo à luz do luar.
 — Foi o garoto, com mil demônios! Procurem-no por todos os cômodos.
 Deve estar com a mãe em algum canto, porque ainda há uma vela acesa aqui.

Parecia que a pousada ia cair, tamanho o barulho de móveis quebrados e portas arrombadas. Os bandidos começaram a discutir e um **TROPEL** de cavalos se fez ouvir. Eram os soldados do povoado, que o rapaz tinha avisado a pedido do Dr. Livesey. Os piratas debandaram, deixando o cego sozinho.

— Ei, amigos, voltem para buscar o velho Pew!...

Seu destino, porém, foi trágico. Tropeçando no escuro, o ceguinho foi atingido pelas patas dos cavalos e caiu morto numa valeta. Saí do esconderijo e chamei os guardas, que vinham acompanhados pelo Inspetor Dance. Contei-lhes os fatos e eles me ajudaram a levar mamãe de volta à hospedaria.

Estava tudo quebrado, nosso prejuízo era imenso! O Inspetor Dance se surpreendeu porque os homens não haviam levado o baú.

— Acho que o que queriam era este pacote — mostrei-lhe. — Deve conter algo de valor. Gostaria de guardá-lo num lugar seguro.

O inspetor sugeriu que o entregássemos ao Dr. Livesey e conduziu-me à sua casa, enquanto os guardas cuidavam de mamãe. Lá chegando, soubemos que o médico tinha ido jantar com *Sir Trelawney*, juiz do condado, no castelo que pertencia à família dele havia várias gerações. Era uma belíssima construção no meio de jardins magníficos. Senti-me **INTIMIDADO** ao entrar ali.

O criado levou-nos à biblioteca, onde *Sir Trelawney* e Dr. Livesey fumavam seus cachimbos. O lorde era uma figura **IMPONENTE**. Com quase dois metros de altura, tinha a pele bronzeada, consequência do seu gosto por viagens em países tropicais. Simpático, ouviu o relato do Inspetor Dance.






— Então o nosso Jim Hawkins foi muito corajoso! — cumprimentou-me.

Em seguida, dispensou o inspetor e mandou-o dizer à minha mãe que eu dormiria no castelo. Queria conversar comigo sobre o estranho pacote.

— Sabe quem foi Flint? — comentou o fidalgo com o Dr. Livesey depois que o inspetor saiu. — O pirata mais **SANGUINÁRIO** do mundo. Os espanhóis o temiam tanto, que cheguei a sentir orgulho de que fosse inglês, como nós.

— Devia ser muito rico, então — respondeu o doutor.

— Riquíssimo! Dizem que escondeu um tesouro **INCALCULÁVEL** numa

-  **TROPEL**: confusão, tumulto, desordem
-  **INTIMIDADO**: amedrontado, envergonhado
-  **IMPONENTE**: majestoso, altivo, orgulhoso
-  **SANGUINÁRIO**: feroz, violentíssimo
-  **INCALCULÁVEL**: tão valioso, que não se pode calcular

ilha. Teria deixado alguma pista do lugar. Penso que era isso que os invasores da hospedaria buscavam. Quem sabe não estará ao alcance de nossas mãos...

Abrimos o pacote. Dentro estavam um caderno e um envelope lacrado. No caderno, havia inscrições curiosas. O nome de Bill Bones na página inicial deixava claro tratar-se de um livro de contas do velho marinheiro. Os rabiscos nas páginas seguintes não eram tão óbvios. Eles se repetiam sempre da mesma maneira: uma data, seguida de um valor em dinheiro. Entre as duas anotações, havia cruces. Em 12 de junho de 1745, por exemplo, junto à soma de 70 libras esterlinas estavam seis cruces. *Sir Trelawney* raciocinou e concluiu:

— Decerto as 70 libras foram divididas entre seis pessoas...

De vez em quando, havia nomes geográficos e indicações de latitudes e longitudes. As contas cobriam um período de 20 anos. No final, ao lado de uma imensa quantia, Bill havia escrito: “Esta é a minha parte do tesouro”.

— Vamos abrir o envelope! — exclamou *Sir Trelawney*, entusiasmado.

O médico quebrou o **LACRE** com cuidado. Encontramos o mapa de uma ilha, com 15 quilômetros de comprimento por oito de largura. Longitude, latitude, profundidades, nomes de baías — havia ali os dados para sua localização. Num certo ponto, estava assinalado: “Local do tesouro principal”. Atrás do mapa, havia o seguinte:

Grande árvore no cume do Morro da Luneta, um quarto a N.N.E.

Ilha do Esqueleto a E.S.E. e um quarto a E.

Barras de prata esconderijo norte, 30 metros ao sul da rocha preta.

Armas na duna de areia N., ponta da enseada norte, olhando para leste.

— Nós vamos atrás desse tesouro! — anunciou *Sir Trelawney*. — Vou a Bristol comprar o melhor navio da Inglaterra e contratar uma ótima tripulação! Você, Livesey, será o médico de bordo. E Jim vai conosco, como **GRUMETE**.

— Cuidado para não deixar escapar nada lá em Bristol, hein! — alertou o Dr. Livesey, que sabia o quanto seu amigo era conversador.

Capítulo 3

TRIPULAÇÃO SUSPEITA

Nosso embarque, contudo, ainda levaria algum tempo. Dr. Livesey teve de ir a Londres cuidar de uns assuntos e *Sir Trelawney* demorou-se em Bristol. Eu fiquei esperando em seu castelo, na companhia do criado Redruth.

Semanas depois, chegou uma carta para o doutor. O envelope dizia que, na ausência dele, Tom Redruth ou Jim Hawkins deveriam abri-la. Rasguei o envelope



LACRE: espécie de resina própria para fechar cartas ou garrafas



GRUMETE: marinheiro que está iniciando a carreira





e li as palavras do lorde. O navio já tinha sido comprado e equipado. Chamava-se *Hispaniola* e era bem rápido, apesar de suas 200 toneladas.

Fiquei preocupado ao continuar a leitura: desconfiei que o lorde havia falado mais do que devia. Ele contava que o barco fora negociado por um tal Blandly, seu amigo, por um preço baratíssimo. Mas que os invejosos achavam que Blandly tinha se aproveitado e cobrado caríssimo, ao saber do destino que a embarcação teria. Em seguida, *Sir Trelawney* prosseguia:

Consegui também uma boa tripulação, graças a um velho marujo. Seu nome é Long John Silver. Tem uma perna só, pois foi ferido defendendo a pátria.

*Long John é experiente e procurava uma vaga de cozinheiro de bordo. Possui uma **ESTALAGEM** no porto, mas cansou-se de viver em terra. Dei-lhe o emprego na hora e ele me ajudou a contratar o restante do pessoal: vinte homens, um pouco grosseiros, porém corajosos. E ainda o imediato Arrow, sujeito que me causou boa impressão. O comandante é que me parece duro e desagradável, mas Blandly garante que é um excelente profissional.*

Estou muito satisfeito e peço que se apressem. Jim deve despedir-se da mãe e vir para Bristol com Redruth.guardo vocês três.

Redruth e eu fomos à Hospedaria Almirante Benbow e encontrei minha mãe feliz e com boa saúde. Desejou-me boa sorte e, no dia seguinte, Redruth e eu tomamos a **DILIGÊNCIA** para Bristol. Dormi quase todo o caminho. Ao acordar, estávamos perto do hotel onde o fidalgo se hospedava.

Seguimos a pé pelas ruas estreitas. O lorde veio ao nosso encontro, sorridente, vestido de azul, como oficial da Marinha.

— Livesey acaba de chegar de Londres. Partiremos amanhã! — anunciou.




Depois do almoço, *Sir Trelawney* me pediu para levar uma carta a Long John Silver. Abri caminho entre a multidão que andava no cais até localizar a placa com o nome Luneta, como se chamava o **ALBERGUE** do nosso cozinheiro. Logo o vi no salão, conversando alegremente com os marinheiros.

— Você é o nosso grumete? Prazer em conhecê-lo, rapaz.

Confesso que, ao saber que Long John Silver tinha uma perna só, temi que fosse o tal pirata de que Bill falava. Mas o homem que estava diante de mim inspirava confiança total. Era limpo e simpático, com um sorriso amável no rosto redondo. Apoiava-se numa muleta no lado da perna amputada.

— Ah, então trouxe o recado... — ele disse, apertando minha mão.

Nessa hora, um cliente levantou-se do outro lado do salão e saiu para a

-  **ESTALAGEM:** hospedaria, pousada para viajantes
-  **DILIGÊNCIA:** carruagem puxada a cavalos
-  **ALBERGUE:** o mesmo que estalagem; pequeno hotel

rua com passos rápidos. Reconheci o homem sem dois dedos que tinha estado na Hospedaria Almirante Benbow à procura do capitão.

— É Cão Preto! Segurem este homem! Não o deixem fugir! — gritei.

— Cão o quê? — perguntou John Silver, chamando o garçom: — Harry, o freguês saiu sem pagar a conta, não viu? Vá atrás dele, depressa!

Quando contei que era um pirata, John mostrou surpresa e indignação:

— Pirata no meu albergue?! Se não me engano, estive aqui umas duas vezes com um cego que parecia um mendigo.

— O ceguinho Pew, é isso mesmo! — exclamei. — Piratas, os dois!

— Pois se for verdade, ele vai pagar caro! — garantiu Silver.

A presença suspeita de Cão Preto na Luneta deixou-me novamente desconfiado. Mas o dono do albergue ficou tão furioso, que o policial mais experiente acreditaria que ele não tinha nada a ver com aquilo.

— E ele ficou devendo três copos de rum! Que imbecil eu sou! — disse John Silver. — Vamos contar a *Sir Trelawney* tudo o que se passou aqui...

Ao relatar o **CALOTE** para nosso comandante, John Silver pediu que eu confirmasse a história, o que fiz. O lorde felicitou-o pela atitude e concordou que o **PERNETA**, nesse episódio, tinha sido mais uma vítima de Cão Preto.

No dia seguinte, às quatro da manhã, subimos todos a bordo. O imediato Arrow veio nos saudar. Era vesgo e usava duas argolas douradas penduradas nas orelhas, como um velho **LOBO DO MAR**. Olhava com cara de poucos amigos para o Capitão Smolett, seu superior, homem de aspecto severo com quem *Sir Trelawney* tampouco parecia à vontade. Smolett pediu para falar em particular com o fidalgo, assim que descemos para a **CABINA**.







— Com todo respeito, senhor, não estou gostando nada do imediato, nem da tripulação e muito menos da rota deste navio...

— Talvez não lhe agrade a embarcação — replicou o lorde com **IRONIA**.

— O barco me parece ótimo, senhor. O problema é outro. Soube por um dos marinheiros que vamos procurar um tesouro. É uma aventura arriscada e meus subordinados estão mais bem informados que eu. Não acho isso correto.

— Eu não contei nada a ninguém! — mentiu *Sir Trelawney*.

— Preferia eu mesmo ter escolhido a tripulação. O imediato Arrow fica bebendo com os marujos em vez de se fazer respeitar — continuou Smolett. — Também não concordo em deixar as armas e a pólvora no porão de **PROA**. Por que não guardá-las na cabina, aos cuidados de homens de confiança?

-  **CALOTE:** dívida que não foi paga
-  **PERNETA:** pessoa a quem falta uma perna, ou com defeito numa perna
-  **LOBO DO MAR:** marinheiro experiente, que conhece o ofício
-  **CABINA:** camarote; compartimento com camas para passageiros
-  **IRONIA:** zombaria, sarcasmo
-  **PROA:** parte dianteira de uma embarcação





O capitão disse ao lorde que não mostrasse o mapa da ilha a ninguém e pediu licença para se retirar. Dr. Livesey gostou do jeito dele.

— Você contratou dois homens de bem, Trelawney: Silver e Smolett.

— Quanto a John Silver, concordo. Mas o capitão fala demais e é muito medroso. Nem parece um marinheiro inglês — o lorde respondeu.

Subimos até a ponte de comando, de onde vimos o pessoal mudando os barris de pólvora e as armas para o lugar que o capitão indicou. O navio contava com seis camarotes na popa, que se comunicavam com o **CASTELO DE PROA** por uma passagem a **BOMBORDO**. Quatro deles foram destinados ao médico, ao lorde e a seus homens de confiança, Hunter e Joyce. Os outros dois, a mim e a Redruth. O capitão e o imediato dormiriam no convés.

O trabalho estava no fim quando um bote chegou trazendo John Silver e dois marinheiros. O pirata jogou a muleta no tombadilho e alcançou o barco com agilidade. Trazia uma gaiola com um papagaio.

— Vamos logo com isso, senão perderemos a maré alta! — gritou.

O capitão mandou-o descer à cozinha e preparar o jantar.

— E você, grumete, trate de pedir trabalho ao cozinheiro — ordenou-me.

Capítulo 4




MOTIM A BORDO DO *HISPANIOLA*

A primeira parte da viagem foi tranquila. O *Hispaniola* revelou-se um bom barco, os tripulantes eram experientes e o Capitão Smolett conhecia bem seu ofício. Só o imediato Arrow mostrou-se problemático. Embriagava-se o tempo todo e dava um péssimo exemplo aos homens. Um dia, simplesmente sumiu. É provável que tenha caído no mar, pois nunca mais foi visto.

Joe Anderson, um dos marinheiros, ocupou o lugar dele. Outro marujo experiente e cuidadoso era Israel Hands, amigo de Long John Silver, a quem chamava de **BARBECUE**. Os dois viviam juntos.

Barbecue era uma figura curiosa. Um dia, pediram-lhe que cantasse e ele entoou aquela estranha canção que falava no “caixão do morto”, a mesma que eu ouvira do Capitão Bill na hospedaria de meus pais. Mas o que mais me impressionava era a facilidade com que ele se movia apesar de seu defeito físico.

Levava a muleta pendurada no pescoço, deixando-lhe os braços livres. Mesmo com o mar revolto, jamais perdia o equilíbrio. Na cozinha, que trazia

-  **CASTELO DE PROA:** parte coberta, situada na frente do navio, para guardar objetos ou servir de abrigo
-  **BOMBORDO:** lado esquerdo do navio
-  **BARBECUE:** em inglês, significa churrasco; carne assada na grelha

limpa e arrumada, agia como qualquer cozinheiro que tivesse as duas pernas. Os tripulantes gostavam dele e até lhe obedeciam. Barbecue me tratava bem e sempre me chamava para conversar com seu papagaio, o Capitão Flint.

— Eu o batizei assim em homenagem ao velho pirata, Hawkins — disse-me. — Ei, Flint, como está o tempo? — perguntava John Silver.

— Peças de oito! Peças de oito! — respondia o papagaio alegremente.

Fiquei sabendo que ele se referia às moedas de ouro portuguesas, que no tempo de Flint valiam oito das moedas comuns.

Apesar de *Sir Trelawney* e de o Capitão Smolett quase não se falarem, a travessia transcorria calmamente. Faltava apenas um dia para chegarmos à ilha, quando o acaso me levou a descobrir fatos terríveis. No convés havia barris de **CIDRA**, que a tripulação podia beber à vontade. Ia deitar quando resolvi beber um gole, mas por azar — ou sorte — o tonel que escolhi estava vazio. Cansado e com sono, acabei adormecendo ali dentro. Súbito, senti que alguém pesado se sentava no barril ao lado. Em seguida, reconheci a voz de John Silver:

— Não, o chefe era Flint, eu era apenas seu ajudante — dizia ao homem sentado no barril. — Trabalhei para vários piratas, mas Flint foi o maior. Numa batalha ao lado dele é que perdi a perna e Pew ficou cego.

— Esse tal Pew ainda vive? — perguntou a voz, que parecia jovem.

— Morreu, depois de gastar tudo o que tinha e mendigar por aí. Não foi esperto como eu, que economizei. Vida de pirata tem muitos riscos, mas vale a pena. Comemos e bebemos à vontade, e enchemos os bolsos de dinheiro.

Imóvel, eu mal respirava dentro do tonel, para poder ouvir tudo.

— Mas vai ser difícil sair com sua fortuna de Bristol...

— Pensa que sou bobo? — riu Long John Silver. — Vendi a *Luneta*, tirei o dinheiro do banco e deixei tudo com minha mulher. Vou me encontrar com ela num lugar combinado assim que pusermos a mão nesse tesouro. Só não conto a você onde é, para os outros não ficarem com ciúme. Piratas desconfiam uns dos outros, e com razão! Mas eu tenho meus métodos para lidar com traidores. Quando alguém me atraiçoa, não vive muito tempo neste mundo!

— Você me convenceu, John — disse a voz do barril. — Conte comigo.

Entendi o que se passava ali. Long John tramava roubar o tesouro — se é que o acharíamos — e estava convencendo os tripulantes a ficar do seu lado.

— Dick está conosco! — avisou Silver a um terceiro homem que chegava.

Escutei a voz de Israel Hands, que assobiou, antes de responder:

— Eu sabia que ele seria esperto! Diga, Barbecue, até quando teremos que fingir **FIDELIDADE** ao Capitão Smolett? Não suporto o sujeito.



CIDRA: fruto da cidreira; doce ou bebida que se faz com esse fruto



FIDELIDADE: lealdade, sinceridade





— Calma, Israel! Continue trabalhando direitinho até eu dar a ordem.

— Só quero saber quando virá essa ordem! — irritou-se Hands.

— Com os diabos, homem! O mais tarde possível! Vamos esperar que encontrem o tesouro. Então atacaremos e nos livraremos deles.

— De que jeito faremos isso? Vamos abandoná-los na ilha?

— Não! — respondeu John Silver. — Vamos liquidá-los todos!

Meu coração dava saltos. Fiquei ainda mais apavorado quando Dick, o pirata, se aproximou do meu barril, dizendo que tinha sede. Por sorte, John foi buscar rum e consegui **ESGUEIRAR-ME** dali sem ser visto.

Estávamos chegando. A **CERRAÇÃO** se dissipava e dava para distinguir três picos ao longe. Fui para perto do Capitão, que dava ordens aos homens.

— Alguém conhece esta ilha? Sabe onde é o ancoradouro? — perguntou.

— Eu conheço, senhor — apresentou-se John Silver. — Parei aqui uma vez, quando era cozinheiro de um **NAVIO MERCANTE**. O ancoradouro fica na ilha do Esqueleto, ao sul. Aquela ali, está vendo? Seu morro mais alto chama-se Morro da Luneta. Dizem que esse lugar era um antigo esconderijo de piratas...

— Veja este mapa e diga se o lugar é o mesmo — pediu Smolett.

Os olhos de Silver brilharam de **COBIÇA**. Ia enfim ver o mapa do tesouro!

Mas notei que o papel era cópia do original, sem as cruzes assinaladas por Bill Bones. O cozinheiro disfarçou a decepção e confirmou com humildade:

— Sim, senhor, o lugar é este mesmo. É o ancoradouro do Capitão Kidd. O senhor deve seguir a corrente sul, que vai para o norte e depois para oeste.

Dei um jeito de me aproximar de *Sir Trelawney*, que conversava com o Dr. Livesey e o Capitão Smolett no castelo de popa, e disse que precisava falar urgentemente com os três. Smolett disfarçou, mandou servir bebida a todos para comemorar nossa chegada e disse que iríamos fazer o mesmo na cabina.

— Então, Jim, o que quer dizer? — me perguntaram quando descemos.

Resumi tudo o que tinha ouvido dentro do barril. O lorde ficou arrasado e se desculpou mil vezes com o Capitão por não tê-lo ouvido.

— Fui mesmo um tolo, Smolett, ignorando suas desconfianças. E agora?

— Mais tolo fui eu, que me deixei enganar direitinho. Acho melhor fingirmos que não sabemos de nada. Se eu os **DESMASCARASSE** agora, eles nos atacariam.

- 🔍 **ESGUEIRAR-ME:** safar-me, escapular, fugir
- 🌫️ **CERRAÇÃO:** nevoeiro espesso
- 🚢 **NAVIO MERCANTE:** embarcação destinada ao comércio marítimo e ao transporte de passageiros
- 👁️ **COBIÇA:** ambição, ganância, avidez
- 🔍 **DESMASCARASSE:** revelasse, descobrisse

Fizemos as contas. Para enfrentar 19 bandidos, tínhamos sete pessoas de confiança: nós quatro e os três empregados do lorde.

— E você, Jim, pode ajudar-nos muito! Os marinheiros não desconfiam de um garoto — disse Dr. Livesey, com o que *Sir Trelawney* concordou:

— De você, Jim Hawkins, depende a nossa salvação!

Capítulo 5

PERIGO NA ILHA

Na manhã seguinte, subi ao convés e achei a ilha diferente. Estávamos bem perto dela e o navio entrou no estreito canal que levava ao porto. **FUNDEAMOS** entre a Ilha do Tesouro, à direita, e a do Esqueleto, à esquerda.

— Tesouro não sei se existe aqui, mas febres deve haver, com certeza! — disse o Dr. Livesey, diante do cheiro sufocante de folhas e troncos podres.

Os marujos estavam inquietos. Smolett decidiu dar um dia de folga aos homens. Encarregou Silver de organizar a descida a terra, nos botes, e avisou que, ao pôr do sol, um tiro de canhão seria disparado, como aviso para voltarem a bordo.

O Capitão tinha esperança de que todos os **AMOTINADOS** abandonariam o navio, e assim poderíamos nos apoderar dele. Mas John Silver não era bobo. Enquanto descia com 13 homens, deixou outros seis embarcados conosco. Tive uma ideia maluca: resolvi descer também. Escorreguei para o bote mais próximo e consegui chegar à ilha antes de Silver, que me viu e chamou:

— Ei, Jim, volte aqui, garoto!

Eu já estava longe. Corri terra adentro até perder o fôlego. Quando me senti seguro, comecei a explorar o lugar. Atravessei um bosque fechado, que terminava num grande **PÂNTANO**. Ao longe, picos rochosos brilhavam ao sol.




Subitamente, escutei um bater de asas e vi que um bando de patos selvagens levantava voo. Tratei de me esconder. Ouvi vozes: John Silver falava com alguém.

— Amigo Tom, quero salvar-lhe a vida — dizia o pirata. — Gosto de você.

— Também gosto de você, Silver. Mas sou um homem honesto e não faltarei com o meu dever. Como pode se misturar com esses malfeitores?

Tom era um dos marujos fiéis ao lorde e a Smolett. De repente, um grito terrível ecoou na floresta e ele se calou. O alvoroço dos pássaros aumentou.

— O que foi isso, John? Me pareceu um tiro... E a voz de Alan...

-  **FUNDEAMOS:** ancoramos
-  **AMOTINADO:** rebelado, revoltoso
-  **PÂNTANO:** terreno alagadiço, charco, brejo





— Pobre Alan! — zombou o pirata. — Entendeu agora o que acontecerá aos que não ficarem conosco?

— Você mandou matar Alan?! Silver, você é um monstro!

Dizendo isso, o corajoso Tom voltou-lhe as costas e tentou correr em direção à praia. O perneta, apoiado numa árvore, atirou a muleta em cima dele, saltou sobre seu peito e fincou-lhe a faca três vezes.

Horrorizado, **ENOJADO**, quase desmaiei. Silver tinha assassinado dois homens! O que faria comigo, se me pegasse? **EMBRENHEI-ME** na mata. Quando soasse o tiro de canhão, eu não conseguiria voltar ao *Hispaniola* e só via duas saídas: morrer de fome ou morrer nas mãos dos bandidos.

Com o rosto todo arranhado pelos galhos, alcancei um pico, coberto por carvalhos gigantescos. Ali o ar era fresco e parei para recuperar as forças. Por pouco tempo... Pois outro susto me esperava: pedras imensas começaram a rolar colina abaixo, e um vulto saltou subitamente detrás de um pinheiro.

Um selvagem? Um macaco? Eu tinha uma pistola e apressei-me a carregá-la. Avancei em direção à estranha figura, e dei de cara com... um homem!

— Sou Ben Gunn! — ele disse, ajoelhando-se. — Faz três anos que não vejo um ser humano...

Era branco e seus olhos azuis sobressaíam no rosto tostado de sol. Tinha a pele **RESSEQUIDA** e vestia-se com farrapos. A única peça aproveitável do seu vestuário era um cinto de couro com fivela de cobre.

— Você é um náufrago? — perguntei.

— Não, meu filho. Sou pirata. Fui abandonado por meus companheiros.

Eu sabia que esse era um castigo comum entre os piratas: deixar numa ilha deserta alguém que tivesse desrespeitado as regras deles.

— Desde então só como ostras, amoras e carne de cabra. Você não teria um pedaço de queijo? Tenho tanta vontade de provar um!

— Na despensa do navio tem queijo. Mas será difícil chegar até lá...

— Difícil por quê? Como você se chama? Eu sou rico, sabe? Muito rico! Se me ajudar, não vai se arrepender.


— Meu nome é Jim — disse, certo de que a solidão o deixara maluco.

— Jim, me diga uma coisa: aquele é o navio do Capitão Flint?

— Não, é outro. Flint morreu, mas alguns homens dele estão lá.

— Por acaso há um perneta entre eles? — perguntou Ben, assustado. — John Silver, você conhece? Um que usa muletas.

Respondi afirmativamente, e o desgraçado se desesperou:

 **ENOJADO**: nauseado, enjoado

 **EMBRENHEI-ME**: afundei-me, internei-me, escondi-me

 **RESSEQUIDA**: seca, mirrada

— Se Silver está a bordo, eu sou um homem morto...

Resolvi contar-lhe toda a verdade. Algo me dizia que Ben Gunn poderia ser-nos útil. Ele me escutou com grande interesse, depois perguntou:

— *Sir Trelawney* costuma ser generoso? Acha que me daria mil libras se eu os levasse até o tesouro?

— Tenho certeza de que sim — respondi.

Ele então contou uma história extraordinária. Fora tripulante do *Walrus*, o navio de Flint, e estava nele quando o pirata enterrou o tesouro na ilha. Flint desembarcara com seis homens para fazer o serviço. Os outros permaneceram a bordo, esperando. Entre eles, Bill Bones, John Silver e o próprio Ben. Um dia, Flint voltou sozinho. Tinha matado e enterrado os seis. “Ninguém jamais encontrará o tesouro sem mim”, ele garantiu ao restante da tripulação.

— Três anos depois, estive aqui em outro navio e contei ao pessoal sobre o tesouro. Descemos para procurar, mas não achamos nada. Eles se vingaram de mim me abandonando aqui nesta ilha, sem dó nem piedade.

Ben Gunn queria repetir sua história, em detalhes, para *Sir Trelawney*. Mas eu não via chance alguma de conseguirmos chegar ao navio.

— Eu tenho um bote, que construí e escondi. Podemos pegá-lo. Mas... o que é isso? Escutei um tiro de canhão...


De fato, embora faltasse bastante para o pôr do sol, a ilha foi sacudida por um disparo de canhão. Corri com Ben Gunn rumo ao ancoradouro e uma descarga de fuzilaria retumbou no ar. Foi quando vimos, a menos de 500 metros de nós, a bandeira inglesa tremulando sobre o verde da floresta.

Capítulo 6 BOTES AO MAR!

Para entender o que acontecera desde que desci à ilha até a hora em que ouvimos os disparos, temos de voltar ao *Hispaniola*. Logo que os botes saíram com os homens de Silver, *Sir Trelawney*, Dr. Livesey e o Capitão Smolett reuniram-se para avaliar a situação. Poderiam jogar ao mar os seis piratas que ficaram a bordo, mas, sabendo que eu estava em terra, acharam **PRUDENTE** não se precipitar. O médico e Hunter decidiram ir à ilha para explorar o terreno.

Pegaram um bote a **ESTIBORDO** e foram vistos por dois homens de Silver que montavam guarda na praia. Por sorte, eles não avisaram o pirata, e ambos puderam atracar numa ponta da costa. Mais exatamente no lugar onde o mapa de Bill Bones indicava existir uma espécie de forte, capaz de

 **PRUDENTE:** sensato, cauteloso; que pensa antes de agir

 **ESTIBORDO:** lado direito de uma embarcação





abrigar 40 homens, construído numa elevação, bem cercado. Água tampouco era problema, pois havia uma nascente próxima.

Enquanto examinavam o forte, Dr. Livesey e Hunter ouviram o grito de Alan e o tiro que o matou, e pensaram **EQUIVOCADAMENTE** que a vítima fosse eu. “Mataram Jim Hawkins!”, assustaram-se, tratando de voltar ao *Hispaniola*.

A bordo, a situação era tensa. Um dos homens de Silver quase desmaiara ao ouvir o tiro, o que fez Smolett concluir:

— Esse é **NOVATO** no ofício. Mais um pouco e estará do nosso lado.

O médico sugeriu então um plano: levar provisões e armas para o forte, onde ficariam **AQUARTELADOS**. Para isso, seriam necessárias várias viagens de bote.

Para não serem vistos pelos revoltosos, Hunter levou o bote até a portinhola de carga e carregaram-no com sacos de mantimentos, munições e o estojo de médico do Dr. Livesey. Hunter, Joyce e ele remaram para a praia com o material.

Enquanto isso, *Sir Trelawney* e o Capitão Smolett **RENDERAM** Israel Hands e mandaram-no avisar os outros bandidos que, se fizessem um gesto, morreriam. Eles ficaram tão surpresos e desorientados, que desceram ao porão sem reagir. Isso deu tempo ao médico, a Hunter e a Joyce de irem e voltarem com o bote as vezes necessárias para acomodar tudo no forte.

Em terra, os dois empregados do lorde ficaram cuidando das coisas, e Dr. Livesey remou de volta ao navio para buscar *Sir Trelawney*, Redruth e o capitão. Seria a última viagem do bote para se instalarem na ilha. Já estavam todos dentro dele, quando Smolett gritou para Gray, um dos marujos:

— Ei, Gray, estou deixando o navio e ordeno-lhe seguir seu capitão!

Houve luta entre os homens de Silver para que Gray não obedecesse. Ele enfim entrou no bote, ensanguentado por um corte de navalha, e foram se afastando do *Hispaniola*. Além de víveres e de armas, o bote levava o médico, o lorde, o capitão, Redruth e Gray. Era peso demais para o barquinho, que começou a **FAZER ÁGUA**. De repente, Smolett deu-se conta de um erro fatal:

— Esquecemos o canhão!!!...

Os homens de Silver que ficaram no *Hispaniola* já se preparavam para atirar. No bote, Gray lembrou que Israel Hands fora **ARTILHEIRO** de Flint. Era enorme o perigo que corriam! O primeiro tiro ressoou quando o bote chegava à praia. Seus ocupantes conseguiram saltar, mas a embarcação afundou e toda a carga dessa última viagem ficou perdida na areia.

- 🔦 **EQUIVOCADAMENTE:** erroneamente; por engano
- 🔦 **NOVATO:** sem experiência; novo no ofício
- 🔦 **AQUARTELADO:** alojado ou hospedado num quartel
- 🔦 **RENDERAM:** dominaram, sujeitaram, subjugaram
- 🔦 **FAZER ÁGUA:** afundar
- 🔦 **ARTILHEIRO:** soldado encarregado de operar canhões e lançar projéteis

O grupo alcançou o forte pelo lado sul, dando de frente com um bando de piratas que surgia da floresta. Começou a artilharia. Um dos piratas tombou morto, mas um tiro atingiu também o velho Tom Redruth, empregado de *Sir Trelawney*.

Desolado, o fidalgo beijou a mão do cadáver. Smolett pegou a bandeira inglesa que trazia no bolso e pendurou-a num pinheiro, junto do forte. Foi essa a bandeira que eu e Ben Gunn vimos tremulando na floresta.

— Dr. Livesey, quando chega o navio de socorro? — indagou o capitão.

Conforme o combinado, só depois de seis meses um navio viria procurar-nos, caso não voltássemos a Bristol. Trataram de recolher-se ao forte, arrastando o corpo de Redruth. Será que as provisões e os armamentos seriam suficientes para que pudessem aguentar tanto tempo? Essa dúvida os consumia.

Os estrondos de canhão continuavam. O lorde notou que os piratas se orientavam pela bandeira inglesa e sugeriu que a retirassem.

— Isso nunca, senhor! — reagiu o capitão. — Temos de mostrar a esses bandidos que nós, ingleses, não temos medo.

O capitão ainda tentou resgatar as provisões do barco afundado, mas os piratas chegaram primeiro e levaram tudo. Preocupados com minha ausência, todos se perguntavam: “Jim estará mesmo morto? O que foi feito dele?”.

Ben Gunn e eu estávamos bem perto dali.

— Veja, são os seus amigos! — ele disse, mostrando a bandeira inglesa.

Duvidei. E se os piratas a tivessem içado para nos confundir? Mas Ben observou que, se fossem eles os ocupantes do forte, teriam desfraldado a *Jolly Roger*, a bandeira negra da pirataria. Sugerí então que pulássemos a **PALIÇADA** e entrássemos na fortificação. O velho Ben foi **PRECAVIDO**:

— Vá você, Jim. Conte minha história ao lorde. Se ele der sua palavra de honra de que me recompensará com as mil libras, você saberá onde me achar.

Dizendo isso, Ben Gunn sumiu atrás das árvores, enquanto eu pulava a paliçada e caía nos braços do Dr. Livesey.

Capítulo 7

O PIRATA LONG JOHN SILVER ATACA

A alegria e o alívio por me verem são e salvo foram imensos. Conteí o que havia me acontecido e eles fizeram o mesmo. Em seguida, observei o forte. Era uma construção **TOSCA**, feita com grossos troncos de pinheiro. A areia

- 🔦 **PALIÇADA**: tapume feito com estacas fincadas na terra; obstáculo para defesa militar
- 🔦 **PRECAVIDO**: prevenido, cauteloso, prudente
- 🔦 **TOSCA**: grosseira, rústica





invadira o interior, de modo que os grãos minúsculos empoeiravam tudo. A floresta começava logo depois.

Dentro, a chaminé expelia apenas parte da fumaça. O resto continuava no ar, fazendo-nos lacrimejar e tossir. Gray, com a cabeça enfaixada por causa da ferida, e o pobre Reduth, ainda insepulto, tornavam tudo mais **LÚGUBRE**. O desânimo teria tomado conta do grupo, se o Capitão Smolett não agisse. Ele distribuiu tarefas: mandou-nos buscar lenha e cavar o túmulo de Redruth. O doutor foi nomeado cozinheiro e eu deveria vigiar a porta, como **SENTINELA**.

— Que tipo de homem é Ben Gunn? — perguntou-me o Dr. Livesey.

— Não sei, doutor. Talvez seja louco. Pensa que é rico.

— Qualquer um enlouquece ficando três anos sozinho numa ilha.

Enterramos Redruth com todas as honras possíveis. Depois do jantar, Smolett, *Sir Trelawney* e Dr. Livesey reuniram-se para decidir nosso destino. Ficou resolvido que tentaríamos liquidar os piratas.

Pelas nossas contas, restavam 15, sendo dois feridos. O médico garantiu que, bebendo rum, expostos ao sol e acampados no pântano, as febres logo os atingiriam. Fomos dormir esperançosos. Ao acordarmos, uma surpresa: atrás da paliçada, dois piratas empunhavam uma bandeira branca em sinal de paz.

— É ele! É Long John Silver! — gritaram os homens.

— Parem aí mesmo ou abro fogo! — disse o capitão

— Bandeira branca, capitão! — respondeu Silver. — Queremos negociar.

O pirata propôs que a conversa fosse a bordo, mas Smolett negou-se a ir com ele. Por fim, consentiu em ouvir Silver ali mesmo. Ele jogou a muleta sobre as estacas e saltou. Sentaram-se na areia, na frente do forte, e acenderam seus cachimbos. Soltando uma baforada de fumaça, o pirata começou:

— Meus cumprimentos, senhor. Olá, Jim, como vai? — falava em tom educado, como se fosse um comandante. — Confesso que fizeram um belo trabalho ontem. Mataram até um dos meus homens. Pois minha proposta é a seguinte: vocês me dão o mapa do tesouro e eu pouparei suas vidas. Depois de pegar o tesouro, eu os desembarcarei em algum lugar, com armas e víveres.

— Não sei de que tesouro está falando — disse Smolett friamente.

— Ora, senhor, sei que estão aqui por causa do tesouro de Flint. E que possuem o mapa para localizá-lo.

O capitão levantou-se, sacudiu a cinza do cachimbo e disse:

— Pois bem, Silver. Agora quem fala sou eu! Se vocês se entregarem, prometo levá-los de volta a Inglaterra para um julgamento justo. Do contrário,

 **LÚGUBRE:** melancólico, sombrio, triste

 **SENTINELA:** soldado que se coloca próximo de um posto para prevenir a aproximação do inimigo; guarda, vigia

eu os enforcarei. Vocês estão nas nossas mãos: não têm o mapa e não sabem conduzir o *Hispaniola*. E eu não negocio com piratas, ouviu bem?

Os olhos de Silver eram puro ódio. Arrastando-se pela areia, o pirata **RASTEJOU** até apoiar-se na paliçada e pegar a muleta. Cuspiu com raiva na nossa direção:

— Dentro de uma hora, estarão mortos! Ri melhor quem ri por último!

Todos sabíamos que ele não estava brincando. Porém, o capitão parecia confiante e tratou de nos tranquilizar:

— Eles são superiores em número, mas nós temos a vantagem de estar abrigados e seguros. Vamos enfrentá-los e vencer!

Tínhamos 20 fuzis para sete pessoas, além de facões. Fizemos uma **BARRICADA** com lenha, para servir de apoio à munição. Smolett nos distribuiu junto às **SETEIRAS** do forte: Hunter a leste, Joyce a oeste, o lorde e Gray ao norte. Eram os melhores atiradores e era desse lado que o capitão supunha que o ataque viria. Ele e eu ficamos incumbidos de recarregar os fuzis.

Depois de uma angustiante espera, Joyce fez fogo, respondido por uma violenta descarga de tiros. O forte ficou esfumaçado, mas não foi atingido.

— Ei, capitão, há mais piratas ao norte, como o senhor previu!





Sir Trelawney e Gray atiravam furiosamente, mas não puderam impedir que os assaltantes escalassem a paliçada, como macacos. Três deles tombaram mortos, mas quatro conseguiram chegar até a porta do refúgio. Um desarmou Hunter, outro atacou o doutor com uma faca.

— Depressa, peguem os facões! — ordenou o capitão.

A luta **ENCARNIÇADA** se estendeu por muito tempo, no areal ao redor do forte. Alguém me atingiu no joelho e dei de cara com Anderson, erguendo um machado para mim. Desviei-me do golpe, rolando encosta abaixo pela areia. Gray acertou o pirata com um tiro no rosto. O doutor deu cabo de outro. Um único inimigo ainda visível tentava entrar no refúgio. Dr. Livesey gritou:

— Atirem nele, rapazes! E voltem para o forte!

De repente, a artilharia cessou. O pirata correu para a mata e nos demos conta de que havíamos vencido. O preço da vitória, no entanto, foi alto. Joyce jazia morto com um tiro na cabeça e Hunter estava desmaiado junto da seteira. O capitão, muito pálido, também fora ferido. Em compensação, de todos os piratas, havia apenas oito que continuavam vivos.

-  **RASTEJOU:** andou de rastos, arrastou-se
-  **BARRICADA:** entrincheiramento provisório para defesa de uma passagem
-  **SETEIRA:** fresta longa e estreita em muralhas ou fortes, por onde se atiram flechas
-  **ENCARNIÇADA:** feroz, cruel, sanguinária



Capítulo 8

AVENTURA MARÍTIMA

Os atacantes não voltaram e o forte continuou em nosso poder. Fomos cuidar dos feridos. O pirata que Gray acertara morreu. Hunter aguentou só até o outro dia. Já os ferimentos do capitão, embora graves, não eram mortais. Segundo Dr. Livesey, ele se recuperaria. O médico conversou com *Sir Trelawney*, depois pegou pistolas, facão e fuzil, pôs o mapa do tesouro no bolso e foi para o bosque.

— Aposto que ele vai procurar Ben Gunn! — eu disse a Gray.





O dia estava lindo e resolvi executar um plano que tinha em mente. Enchi os bolsos de bolachas, me armei de duas pistolas e pulei a paliçada sem ser visto. A ideia era caminhar pela costa até um tal rochedo branco, onde Ben havia escondido seu barquinho, e me apoderar dele!

Passsei pelo ancoradouro sem problemas. Nenhum pirata me viu, mas pude ver Long John Silver de longe, num bote junto ao *Hispaniola*. Nosso navio levava agora a Jolly Roger pendurada no mastro principal, prova de que os piratas haviam tomado posse dele. Dois homens conversavam na popa. Silver parecia estar consertando o **TIMÃO**. Esperei escurecer e segui em frente.

Cheguei ao rochedo branco com dificuldade, rastejando entre as moitas. Finalmente, num buraco ao pé da rocha, protegido por uma cobertura de pele de cabra, encontrei aquilo que Ben Gunn chamava de “sua canoa”. Não podia haver embarcação pior. A vantagem é que era leve, e pude carregá-la nos ombros. Na praia, os piratas bebiam rum ao redor de uma fogueira.

Pus o barquinho na água e entrei nele. Era minúsculo. Parecia seguro para um garoto da minha altura e peso, mas difícil de manobrar. Felizmente, a maré estava a meu favor e me conduziu para perto do *Hispaniola*, sem exigir remadas fortes. Eu pretendia cortar as **AMARRAS** do navio, levando-o a encalhar na praia. Depois da derrota da manhã, os piratas certamente tentariam **ZARPAR** para longe. E isso Jim Hawkins não ia deixar, de jeito nenhum!

Israel Hands discutia com um pirata de gorro vermelho no tombadilho. Notei que estavam bêbados e começavam a lutar. Nem sentiram quando cortei a primeira amarra com minha faca. Lentamente, o navio se moveu. Ao cortar o segundo e último cabo, o *Hispaniola* deu uma violenta **GUINADA** e pôs-se a girar sobre si mesmo. Agarrei-me na corda com as duas mãos, e o barquinho foi arrastado pelo navio, como se cavalgássemos sobre as ondas.

-  **TIMÃO**: barra do leme; leme do navio
-  **AMARRA**: corda ou corrente que segura a âncora à embarcação
-  **ZARPAR**: levantar âncora, partir
-  **GUINADA**: desvio para um dos bordos (lados), afastando o navio do rumo



E se o *Hispaniola* se espatifasse contra os rochedos? Soltei a corda e naveguei **À DERIVA** durante muito tempo. Tanto, que dormi profundamente. Quando acordei, era dia claro. Tinha me afastado e estava a sudoeste da ilha, a uns 300 metros da praia. Pensei em remar e desembarcar. Mas as ondas quebravam com tal violência nas rochas que a manobra seria arriscada demais.

De repente, lembrei-me das palavras de Silver, dizendo que uma corrente seguia para norte naquele trecho, acompanhando a costa. Se eu me deixasse levar, poderia tentar o desembarque no Cabo dos Bosques, mais adiante. Experimentei remar, mas, ao menor movimento que fazia, o bote ameaçava virar.

O sol e o sal me castigavam. Sentia muita sede. Levado pela correnteza, via meu objetivo se distanciar. O barquinho se afastou da costa e passou além do **PROMONTÓRIO**, jogando-me no mar aberto. Então vi, a menos de 800 metros, o *Hispaniola* flutuando com as velas abertas ao vento e os cabos tensos como cordas de aço. Parecia que queria me perseguir.

— Aqueles idiotas perderam o controle do navio! — exclamei.

Estávamos tão próximos, que eu podia enxergar o convés vazio. Onde os piratas teriam se escondido? Não havia ninguém no timão e o barco vagava, entregue ao próprio destino. Pus-me a remar com força, tentando alcançá-lo. Além do gosto pela aventura, me atraía o barril de água no tombadilho.

Fui ajudado pela sorte: o vento diminuiu, a vela mestra murchou e o *Hispaniola* parou um minuto. Subitamente, uma onda gigantesca levantou meu frágil bote e me atirou para dentro do navio.

Capítulo 9 RECUPERANDO O NAVIO

Caí de cabeça no tombadilho. A vela maior se **ENFUNOU** de novo e o *Hispaniola* voltou a navegar. Com o vento, ele saltava sobre as ondas como se fosse um cabrito. Meu barquinho estava cada vez mais distante. Olhei ao redor e percebi que agora eu era prisioneiro do navio. E os piratas não tinham ido embora! Uma garrafa vazia rolava pelo convés, acompanhando o sacolejar do navio. Manchas de sangue no chão indicavam que houve briga.

Lá estavam os dois bandidos! O de gorro vermelho jazia de costas. Hands, o timoneiro, permanecia estranhamente quieto, encostado na **AMURADA**. Assim que me viu, ordenou: “Um gole de aguardente! Depressa, Jim!”.

- 👁️ **À DERIVA:** sem controle, sem direção
- 👁️ **PROMONTÓRIO:** cabo rochoso que avança para dentro do mar
- 👁️ **ENFUNOU:** encheu, inflou, inchou
- 👁️ **AMURADA:** borda da embarcação





Desci à despensa e fiquei horrorizado com os estragos. Tudo estava re-
virado e sujo. Encontrei um resto de aguardente e levei para Hands. Para mim,
peguei queijo e uvas. E água, felizmente!

— Estou aqui para tomar posse do navio, senhor Hands. Considere-me
seu capitão. E vou **ARRIAR** essa bandeira negra da pirataria — informei-o.

O marinheiro me encarou com olhar **VELHACO** e apontou o morto.

— Esse aí era o O'Brien. Íamos levar o barco até o ancoradouro. Se o
senhor, Capitão Hawkins, me der comida e bebida, e tratar das minhas feridas,
posso ensiná-lo a conduzir essa **GALERA** para lá...

— Prefiro ir para a Baía Norte — respondi com firmeza.

— Muito bem, o senhor é quem manda — Hands concordou.

Ajudei o marujo a enfaixar a perna ferida. Deixei-o beber mais um gole
de aguardente e trouxe-lhe algo para comer. Hands melhorou visivelmente. O
vento estava a nosso favor e o *Hispaniola* deslizava com suavidade. A bela
paisagem da ilha me encantava. Comandando o navio, minha felicidade seria
completa se Hands não me observasse o tempo todo com ironia.

— Capitão Hawkins — ele disse, de repente, com um estranho sorriso nos
lábios. — Vamos jogar no mar o cadáver de O'Brien? Não me arrependo de tê-lo
mandado para o outro mundo, mas ter um morto conosco não é agradável.

Ordenei-lhe que deixasse o cadáver onde estava. Desconfiei que Hands
queria distrair minha atenção e eu não estava enganado. Daí a pouco, ele pediu
que eu fosse buscar vinho. Justamente vinho, bebida que ele nunca tomava!

— Branco ou tinto? — perguntei, fingindo acreditar.

— Contanto que seja forte, para mim tanto faz.


Desci as escadas fazendo barulho, depois tirei os sapatos e subi pelo
outro lado sem ele me ver. Minhas suspeitas se confirmaram. Pensando estar
sozinho, o pirata arrastou-se pelo convés, pegou uma faca manchada de sangue
e escondeu-a debaixo da camisa. O que pretendia fazer comigo?

De uma coisa eu tinha certeza: ambos queríamos encalhar o navio com
segurança na Baía Norte. Hands me ajudaria a fazer isso. Depois, quem sa-
beria dizer?... Voltei à cabina, calcei os sapatos e peguei uma garrafa de
vinho qualquer. Hands abriu os olhos, tomou um gole e estendeu a garrafa
na minha direção:

— Saúde, Capitão Hawkins! Vou dizer-lhe o que fazer para atracar.

O pirata era um piloto magnífico. Segui suas instruções. Assim, entramos
pelo canal numa manobra tão perfeita, que senti orgulho de mim mesmo.

— Está vendo aquele lugar, Jim? É ideal para atracar — indicou Hands.

 **ARRIAR:** abaixar, descer (algo que estava levantado)

 **VELHACO:** traiçoeiro, patife, enganador

 **GALERA:** antigo navio à vela, com três mastros

— Água transparente, sem vento, belo cenário. Quando a maré subir, você leva as amarras até os pinheiros e as prende bem. Mas, cuidado, rapaz!!! Estamos chegando! **ORCE** o barco, vamos, depressa!

Girei o **LEME** e o *Hispaniola* navegou velozmente rumo à costa rasa. Eu estava tão distraído e contente com as manobras, que descuidei de Hands. Quando olhei, ele avançava para mim como um **FELINO**, de navalha em punho.

Minha primeira reação foi soltar a barra do leme, que bateu em cheio no peito do pirata, jogando-o no chão. Antes que ele se recuperasse da surpresa, corri em direção ao mastro maior, peguei uma das pistolas e puxei o gatilho. Mas a pólvora estava molhada e o tiro falhou.

Paralisado, eu olhava o bandido e via o *Hispaniola* se chocando contra a praia. Tudo estremeceu e o mar inundou o convés. Com o navio inclinado, era impossível andar. Subi pelo mastro, sentei num travessão e recarreguei as pistolas. Hands ficou desconcertado, me encarando lá de baixo, com a faca entre os dentes. Parecia que o feitiço tinha se voltado contra o feiticeiro.

De repente, ele começou a subir.

— Pare, Hands, senão eu lhe estouro os miolos! — gritei.

O marujo obedeceu. Amaciou a voz e disse:

— Ora, Jim, vamos acabar com essa bobagem e voltar a ser amigos! Eu me rendo a você, um simples grumete! Maldita sorte, a minha!







Comecei a rir da expressão cômica dele. O safado fez um rápido movimento com a mão direita. Um zumbido de flecha cortou o ar. Senti uma dor **LANCINANTE** no ombro e percebi, horrorizado, que ele havia me atirado sua faca e me prendido com ela ao mastro do navio.

Numa reação **INSTINTIVA**, disparei as duas pistolas, que logo caíram no chão. Mas não caíram sozinhas. Junto com elas, tombou o corpo inerte de Israel Hands, que rolou para o mar. Eu, Jim Hawkins, tinha matado o pirata.

Capítulo 10

NO QUARTEL INIMIGO

O navio balançava muito, totalmente **ADERNADO**. Ali de onde eu estava, preso no mastro, podia ver o corpo do bandido entre redemoinhos de sangue e espuma. Alguns peixes passaram por ele. Acabaria sendo devorado.

-  **ORCE:** mova o leme para que a embarcação entre na linha do vento
-  **LEME:** direção do barco, instalada na popa
-  **FELINO:** relativo ao gato ou semelhante a ele
-  **LANCINANTE:** cruciante, aflitiva, dolorosíssima
-  **INSTINTIVA:** automática, espontânea, natural
-  **ADERNADO:** inclinado sobre um dos lados





Comecei a sentir enjoo. A faca cravada na pele queimava-me feito ferro em brasa. Tinha medo de despencar dali e cair no mar, sobre o corpo do pirata. Tremi diante dessa hipótese. O movimento **INVOLUNTÁRIO** acabou por soltar-me do mastro. A lâmina só me atingira a pouca profundidade.

Fui para a cabina e fiz um curativo improvisado. Em seguida, tratei de me livrar do cadáver de O'Brien, lançando-o pela amurada. Eu estava sozinho no navio encalhado. Sua inclinação era tal, que a vela grande boiava na água. Quanto mais a maré baixava, mais o *Hispaniola* adernava.

Eu tinha que dar a notícia aos meus companheiros! Ficava todo vaidoso só de imaginar o quanto iriam me elogiar! Deixei-me escorregar para o mar, devagarinho. Era bem raso ali. As águas chegavam à minha cintura e eram tão claras que eu podia ver o fundo. Alcancei a praia e, logo depois, a floresta.

A claridade da lua orientava meus passos. Por precaução, diminuí o ritmo da marcha. Só faltava, depois de tudo, algum dos nossos me confundir com um pirata e me acertar com um tiro de espingarda! Estranhei encontrar numa clareira um **BRASEIRO** já quase extinto. Por orientação do capitão, não era nosso hábito acender fogueiras, para economizar lenha.

Fora isso, tudo parecia normal. Escalei a paliçada no trecho mais escuro e caminhei para o forte, evitando fazer barulho. Os homens estavam dormindo. Dava para ouvir o **RESSONAR** deles mesmo do lado de fora. Empurrei a porta. A escuridão era completa. Pensei: “Vou deitar no lugar de costume”. Tropecei na perna de alguém, que resmungou e voltou a roncar. De repente, escutei:

— Peças de oito! Peças de oito!

Era a voz do Capitão Flint, o papagaio de Silver!... Senti um arrepio. Como bom sentinela, ouvira meus passos e dera o alarme. Silver soltou um palavrão e mandou Dick acender uma tocha. Não dava mais para fugir.

— Ora, ora, com mil demônios! É Jim Hawkins que veio nos visitar! Mas que honra, rapaz! Venha, sente-se e vamos conversar...

Então era verdade! Os piratas tinham dominado o forte e se apossado dos víveres! Conteí seis ali na cabana e temi que meus amigos estivessem mortos. Foi com verdadeiro alívio que ouvi as palavras de John Silver:

— Sempre desejei que ficasse do nosso lado, Jim. E, veja só, o acaso o trouxe até mim. O Capitão Smolett não o aceitará de volta. Nem o doutor. Seus amigos estão muito ofendidos por ter escapado. Pensam que você foi ingrato, abandonando-os com o capitão ferido. Agora você só tem a mim!

Que bom, então estavam vivos! Mas onde? O que tinha acontecido?

- 👉 **INVOLUNTÁRIO:** que não depende da vontade, sem querer, automático
- 👉 **BRASEIRO:** cinzas de uma extinta fogueira
- 👉 **RESSONAR:** respirar ruidosamente ao dormir

O pirata contou que, na véspera, pela manhã, Dr. Livesey tinha aparecido no acampamento deles com uma bandeira branca. Avisou que eles tinham sido traídos. O *Hispaniola* não estava mais no porto, e o doutor supunha que os piratas a bordo tinham zarpado com o navio. Fazia sentido.

— “Vamos fazer um trato”, ele disse — continuou John Silver. — Então aceitei a oferta e aqui estamos, com o forte e as provisões. Quanto a eles, foram embora. E o doutor disse que você era um pirralho metido...

Podia acreditar no pirata? E agora ele queria que eu decidisse...

— Bem, sei o que me espera se eu ficar contra vocês. Meus amigos podem pensar que os trai, mas fui eu que cortei as amarras do *Hispaniola*. Se querem me matar, que matem! Mas, se me pouparem, servirei de testemunha para salvá-los da Justiça.

— Foi esse garoto que abriu a arca de Bill Bones e roubou o mapa. Tem nos passado a perna desde o início! — falou um dos marujos para Silver.

Ele mandou-o calar a boca, dizendo que gostava de mim. Ninguém ali ia mexer comigo, garantiu. Chamando-me para o lado, perguntou:

— Você sabe por que o doutor me deu o mapa do tesouro, Jim?

Pela minha cara de espanto, Silver concluiu que eu não sabia de nada. E não sabia mesmo! O doutor lhe dera o mapa de Bill Bones? Com que intenção?

John Silver serviu-se de uma dose de rum, enquanto olhava desconfiado para os companheiros. Qualquer um repararia que havia algo errado com eles. Pareciam nervosos e revoltados, soltando **PRAGAS** e resmungando pelos cantos. Pediram licença para reunir-se sem o chefe, e Silver matou a charada:

— Acho que eles vão me dar o sinal negro, Jim.

— Sinal negro? Por quê?

— Estão descontentes com meu comando. Acham que foram enganados. Pensam que a viagem fracassou e que deixei nossos inimigos partirem.




A conversa dos piratas chegou ao fim. O grupo se aproximou e entregou a Silver uma rodela de papel. Esperto, o pirata exclamou:

— Mas este é papel de Bíblia! Quem ousou cortar a folha de uma Bíblia? **PROFANAR** um documento sagrado? Vão acabar todos enforcados...

— Deixe de conversa, Silver. Você recebeu o sinal negro da tripulação e sua obrigação é ler o que está escrito atrás — disse um dos marujos.

Silver virou o papel e leu: “**DEPOSTO**”. Deu uma gargalhada:

— Ah, querem me depor, então?! Pois vou contar por que fiz o acordo com o médico... E por que pretendo manter Jim Hawkins como refém...

-  **PRAGA:** maldição, xingamento
-  **PROFANAR:** desrespeitar, ofender
-  **DEPOSTO:** destituído de um cargo





Dizendo isso, jogou no chão um papel enrolado, que eu reconheci ser o mapa com as cruzes que estava na arca de Bill Bones. O verdadeiro mapa. Os piratas deram pulos de alegria, alvoroçados. E, claro, voltaram atrás:

— Temos de reconhecer que foi um grande golpe, Capitão Silver. Viva o Capitão Silver! Silver deve continuar!...

O perneta foi dormir tranquilo, enquanto eu rolava sem sono no **CATRE**.

Capítulo 11 QUEM LEVOU O TESOURO?

Acordamos na manhã seguinte com uma voz que eu conhecia bem.

— Ei, pessoal! Deixem-me entrar! Sou o doutor!

Atrás da paliçada estava o Dr. Livesey. Tinha vindo cumprir sua parte no acordo e medicar os piratas doentes. Fiquei feliz, mas também **RECEOSO**. Ele acharia mesmo que eu era traidor? Qual seria sua reação ao me ver? Silver não perdeu tempo. Deu ordem para o médico pular a paliçada e foi logo dizendo:

— Tenho uma surpresa para o senhor: Jim Hawkins, em pessoa!

Dr. Livesey ficou parado um minuto, sem saber o que dizer, mas logo se recompôs. Avisou que antes ia cumprir seu dever e foi de um ferido a outro, verificando o estado dos pacientes e confortando-os.

— Muito bem, agora quero falar com Jim — disse o doutor.

John Silver autorizou o encontro. O doutor estava muito magoado comigo.

— Deixar-nos com o capitão doente foi uma covardia, Jim. Não esperava isso de você. E agora, **BANDEOU-SE** para o lado dos piratas. Não entendo...

Senti tamanha tristeza, que quase chorei. Precisava contar ao doutor a verdade, mas tinha pouco tempo. Além do mais, assim que nos viram, os piratas começaram a acusar John Silver de fazer jogo duplo, provocando discussão. Achavam que o chefe jamais poderia ter permitido minha conversa com Dr. Livesey.

— Pule a paliçada e venha comigo, Jim! — disse baixinho o doutor.

Mas eu havia dado minha palavra de honra a John Silver de que não o trairia. E pretendia cumprir o acordo. Até porque temia sua vingança.

— Não posso, Dr. Livesey. Mas, caso eu não saia vivo deste forte, quero que saiba que retomei o *Hispaniola* para vocês. Ele se encontra na Baía Norte, encalhado na praia. Mas, quando a maré subir, flutuará novamente.

— Por Deus, Jim! Não acredito! — Os olhos do Dr. Livesey brilhavam de contentamento. — Nosso barco, que maravilha! Então você o recuperou?

 **CATRE:** cama de lona; leito tosco e pobre

 **RECEOSO:** medroso, desconfiado

 **BANDEOU-SE:** passou para o lado contrário, mudando de opinião ou partido

Contei-lhe resumidamente minha aventura. O médico se emocionou.

— Esta é a terceira vez que você nos salva, garoto! Primeiro, descobriu a conspiração dos piratas; depois, encontrou Ben Gunn; e, agora, conseguiu de volta o nosso navio. O que seria de nós sem você?...

Dr. Livesey me disse para ficar calmo. Devia ter um plano, pois chamou John Silver e recomendou-lhe que não tivesse pressa em ir procurar o tesouro. Uma tempestade estava a caminho. Seria perigoso enfrentá-la na mata. Por fim, recomendou:

— Se sairmos com vida desta ilha, Silver, prometo **INTERCEDER** por você. Mas com uma condição: cuide bem do garoto, ouviu?

Serviram a refeição. Silver comeu animado, falando sobre seus planos. Depois que pusessem a mão na fortuna, iriam em busca do barco. E me levariam amarrado com cordas. Se surgisse alguma dificuldade, eu serviria de **REFÉM**.

Eu não duvidava nadinha de que o ex-cozinheiro, duas vezes traidor, pudesse voltar-se contra mim novamente. Já não sabia em quem confiar, pois não compreendia o comportamento de meus amigos. Por que eles haviam abandonado o forte e dado aos piratas o mapa do tesouro? E mais: por que o doutor tinha prevenido Silver sobre a tempestade que cairia na floresta?

Pusemo-nos a caminho depois do almoço. Todos estavam fortemente armados, menos eu. Passaram uma corda pela minha cintura, obrigando-me a seguir John Silver como se fosse um animal de estimação. Entramos em duas canoas em péssimo estado e remamos na direção indicada. Os piratas brigavam entre si por causa da primeira informação que havia atrás do mapa:

Grande árvore no cume do Morro da Luneta, um quarto a N.N.E.

Como saber a que árvore Flint se referia? Todas ali eram gigantescas! Cada homem julgava que saberia reconhecê-la. Na **EMBOCADURA** do rio que descia do Morro da Luneta, aportamos. Teve início então uma caminhada terrível, em terreno íngreme e lamacento. Apoiado na muleta, o ex-cozinheiro fazia grandes esforços para subir. De repente, o pirata que estava na dianteira deu um grito hediondo. Não devia ser por causa do tesouro...

— O que aconteceu?! — Silver apressou-se para alcançá-lo.

Um esqueleto humano, coberto de farrapos, jazia junto de um pinheiro. Os homens tremiam sem parar. Relembrou as maldades de Flint e acharam que poderia ser um dos seis companheiros mortos por ele. Os pés do morto



INTERCEDER: pedir, rogar, suplicar (por outra pessoa)



REFÉM: pessoa que o inimigo mantém em seu poder para garantir uma promessa



EMBOCADURA: foz de um rio





apontavam para uma direção e os braços, esticados, para outra. Silver desconfiou que aquilo fosse um **CÓDIGO** e alinhou a bússola pelos ossos.

— Exatamente como imaginei! — gritou, triunfante. — Ele está indicando a Ilha do Esqueleto! É por ali, vamos!

Recomeçamos a subir, em meio a muitos obstáculos. Silver interpretava a carta como melhor lhe parecia. Até que outro susto pavoroso interrompeu nossos passos: estávamos já quase no cume da Luneta quando uma voz ecoou no bosque. Cantava a velha canção de Bill Bones sobre “o caixão do morto”.

— É o espírito de Flint!!! — murmuraram os homens, **LÍVIDOS** de pavor.

E a voz, nítida, continuou: “*Darby MacGraw, vá buscar rum!*”.

Com os olhos esbugalhados, os homens se negavam a continuar:

— Só pode ser Flint! Ninguém, além de nós, ouviu falar em Darby!

Um dos piratas levantou a hipótese de que a voz fosse de Ben Gunn. Ao que Silver respondeu, obrigando o grupo a seguir em frente:

— Tanto faz que seja Flint ou Ben Gunn. Os dois estão mortos mesmo!

A etapa final foi tensa. Passamos pela primeira grande árvore, e nada! Pela segunda, e outra decepção! A terceira era tão maior que as outras, que ninguém teve dúvidas: saíram todos correndo como loucos na sua direção.

Dez passos à frente, paramos, perplexos. Um enorme buraco se abriu no chão. No fundo, havia uma picareta partida e alguns caixotes. Num deles, lia-se perfeitamente: Walrus, o nome do navio de Flint.

A conclusão era óbvia: alguém tinha descoberto o tesouro antes de nós e desaparecido com as cobiçadas libras esterlinas.

Capítulo 12 DE VOLTA A BRISTOL

Os homens entraram no buraco e reviraram tudo. Morgan achou uma moedinha de ouro entre as tábuas e voltou-se para Long John Silver, ameaçador:

— Dois guinéus! Viemos até aqui por dois guinéus!

Um clima terrível pairava no ar. Merry falou pelos companheiros:

— O maldito perna-de-pau nos enganou! Vamos acabar com ele!

Já tinha puxado o gatilho, quando três tiros ecoaram na floresta. Na mesma hora Merry caiu, morto. Outro pirata tombou. Os três que sobraram correram para a mata. Dr. Livesey, Gray e Ben Gunn surgiram do bosque, com os fuzis **FUMEGANTES**:

🔪 **CÓDIGO**: sistema de símbolos que representa uma informação

🔪 **LÍVIDO**: pálido, desmaiado

🔪 **FUMEGANTE**: muito quente, fervendo

— Depressa, pessoal! Temos de chegar aos botes antes que eles!

Seguimos pela floresta o mais rápido possível. Silver não conseguia nos acompanhar. Paramos numa clareira para esperá-lo. O pernetá logo apareceu.

— Obrigado por nos salvar, doutor. Olá, Ben Gunn, como vai?

Incrível a cara de pau do pernetá! Tão interessado quanto eu, ele ouviu a história do Dr. Livesey, enquanto seguíamos a marcha. Vagando pela ilha, dois meses antes da nossa chegada, Ben Gunn havia topado com o esqueleto e achado o tesouro, sem precisar de mapa. Desenterrou-o e levou-o nas costas, em várias viagens, até a caverna do Morro dos Dois Picos, onde se escondeu.

Tudo isso Ben contara ao doutor quando este foi procurá-lo. Daí a ideia de mudarem-se para a caverna, onde havia carne de cabra estocada, e cedermos o forte aos piratas. O mapa que o médico dera a Silver não tinha utilidade, já que o tesouro não estava mais lá. *Sir Trelawney* ficara na caverna, cuidando de Smolett, enquanto o médico, Gray e Ben tinham ido nos buscar. E, claro, fora ele quem tinha assustado os piratas imitando a voz de Flint...

Entramos nas canoas sem problemas e nos pusemos a remar. Quando passamos em frente ao Morro dos Dois Picos, o lorde nos acenou alegremente. Seguimos até a Baía Norte para verificar o estado do *Hispaniola*. Por sorte, os estragos eram poucos. Improvisamos uma nova âncora e, deixando Gray de guarda no navio, fomos para a gruta encontrar os nossos companheiros.

— Devia se envergonhar, Silver — *Sir Trelawney* dirigiu-se ao pirata com **DESDÉM**. — Confiei em você, e só nos trouxe problemas. Saia da minha frente!

— Olá, Jim. É o garoto mais corajoso que conheço! — cumprimentou-me o Capitão Smolett. — E você, Silver, o que faz aqui?

— Retomo o meu posto de cozinheiro — respondeu o malandro.

A caverna era ampla e arejada, com uma nascente de água cristalina. A um canto estavam amontoadas centenas de moedas e pilhas de barras de ouro. O famoso tesouro de Flint! Jantamos a carne de cabra salgada por Ben Gunn e assada pelo cozinheiro, que por sinal estava divina.

Na manhã seguinte, iniciamos o transporte do tesouro para o navio. O trabalho durou vários dias e os piratas **FUGITIVOS** não apareceram. Um dia antes de partir, o doutor e eu os vimos na praia, totalmente embriagados, cantando e dançando. Decidimos abandoná-los na ilha, deixando na gruta uma quantidade de víveres, armas e remédios, para não morrerem **À MÍNGUA**.

Carregamos o restante da carne de cabra salgada e pipas de água potável para o *Hispaniola*. Levantamos âncora numa bela manhã, com a bandeira

- 🗝️ **DESDÉM:** desprezo, indiferença, altivez
- 🗝️ **FUGITIVO:** que fugiu, que se evadiu, desertor
- 🗝️ **À MÍNGUA:** no abandono, na privação, na escassez






inglesa hasteada no mastro. Rumamos para o porto mais próximo da América espanhola, a fim de renovar a tripulação, pois éramos poucos para manobrar o navio. Durante todo o percurso, Silver voltou a ser o mesmo de antes, alegre e **PRESTATIVO**, fazendo de tudo para nos agradar.

No porto, Dr. Livesey e *Sir Trelawney* me convidaram para descer com eles em terra e jantar com um capitão amigo que encontraram. Quando voltamos a bordo, Ben Gunn e Gray nos deram a notícia: John Silver fugira, levando quatrocentas moedas! Foi um preço pequeno para nos livrarmos do patife...

De toda a tripulação do *Hispaniola*, só cinco regressaram a Bristol. Cada um de nós teve sua parte no tesouro. O Capitão Smolett está aposentado. Gray casou-se, tem filhos e é sócio de uma frota de navios. Ben Gunn gastou tão depressa o dinheiro dele, que dezenove dias depois estava mendigando. Hoje trabalha como porteiro de hotel, emprego que detesta.

Nunca mais ouvi falar em Long John Silver. Às vezes, imagino-o com a mulher, em alguma ilha. E posso até escutar a voz do papagaio Flint:

— Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito!

 **PRESTATIVO:** serviçal, solícito

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Como Jim Hawkins conheceu o Capitão? Que atitudes estranhas dele fizeram o garoto suspeitar que fosse pirata? Como as suspeitas se confirmaram?
- 2) Por que o Capitão tinha medo de Cão Preto e do ceguinho Pew?
- 3) Quando os piratas invadiram a Hospedaria Almirante Benbow, o inspetor Dance se surpreendeu por não terem levado nada da arca de Bill Bones. O que os bandidos esperavam encontrar lá dentro?
- 4) Quem era Flint e qual a sua relação com Bill Bones e os outros homens?
- 5) Jim pegou um pacote da arca de Bill Bones e levou-o a *Sir Trelawney* e ao Dr. Livesey. O que encontraram ao abri-lo? Por que era tão valioso?
- 6) *Sir Trelawney* foi a Bristol comprar um navio e contratar uma tripulação. Que pensou Jim ao conhecer o cozinheiro Long John Silver? O que o fez desconfiar dele?
- 7) Jim descobriu que se tramava um motim a bordo do *Hispaniola*. Relembre como isso aconteceu e o que ele ouviu dentro do barril de cidra.
- 8) Por que Smolett não desmascarou os piratas assim que soube dos planos deles? Que estratégia o capitão preferiu adotar?
- 9) Quem era Ben Gunn e por que vivia na ilha? Havia quanto tempo estava lá?
- 10) Relembre os fatos que fizeram os amigos de Jim deixar o *Hispaniola* e instalar-se no forte. Como eles souberam da existência dessa construção?
- 11) O que John Silver pretendia quando apareceu no forte com uma bandeira branca? Que resposta deu Smolett à proposta do pirata?
- 12) Como Jim conseguiu recuperar o *Hispaniola* e livrar-se de Israel Hands?
- 13) Jim voltou ao forte e foi surpreendido ao ver que o local era agora quartel-general dos piratas. Que explicação deu-lhe John Silver?
- 14) O que significava para um pirata receber o Sinal Negro? Lembre-se de que tanto Bill Bones como John Silver o receberam em diferentes situações.
- 15) Qual a verdadeira razão pela qual o Dr. Livesey deu o mapa a John Silver?
- 16) No trajeto para o Morro da Luneta, que pensaram os piratas ao ouvirem uma canção que só eles conheciam? Qual a reação deles ao encontrarem vazio o buraco do tesouro?
- 17) Qual o envolvimento de Ben Gunn com o desaparecimento do tesouro?
- 18) Que fim tiveram Silver e os demais tripulantes do *Hispaniola*?
- 19) Se você estivesse numa outra aventura e possivelmente numa situação de perigo como a da personagem Jim Hawkins, como você agiria?
 - a) Tentaria como Jim salvar as pessoas do perigo?
 - b) Ficaria “fora dessa” esperando que outro tomasse a iniciativa?
 - c) Ou quem sabe buscasse ajuda de alguém mais experiente?
- 20) Se você já viveu uma situação parecida, conte para a classe sua emocionante experiência (você pode debater com seus colegas ou escrever uma redação a respeito disso).



A ILHA DO TESOURO

Robert Louis Stevenson

BIOGRAFIA DO AUTOR

Considerada uma obra-prima para a juventude, *A ilha do tesouro* é a primeira e a mais famosa das novelas de Robert Louis Stevenson, que nasceu em Edimburgo, Escócia, em 1850, e faleceu numa ilha da Polinésia, em 1894.

O escritor cresceu numa família dedicada à engenharia naval. Mas, em vez de continuar essa tradição, formou-se em Direito e começou sua carreira literária escrevendo poemas, ensaios e livros de viagens. Como tinha sérios problemas de saúde, Stevenson fez várias viagens pela Europa e América para tratar-se.

Foi assim que conheceu a norte-americana Fanny Osbourne, com quem se casou e viveu num garimpo da Califórnia em 1880. Em seguida, morou em Bournemouth, Inglaterra, até 1887, data em que se mudou definitivamente para os Estados Unidos, com a mulher e o enteado. Nessa época, Stevenson já tinha provado seu talento para a literatura como autor de *A ilha do tesouro*, publicado em 1883, e *O médico e o monstro*, que sairia três anos mais tarde.

Outra paixão do escritor era navegar. Por isso contratou uma escuna, chamada Casco, que zarpou de São Francisco, Califórnia, em junho de 1888, e navegou por todo o oceano Pacífico, chegando à ilha Samoa, na Polinésia, no Natal de 1889. O livro *O senhor de Ballantrae* foi escrito durante o trajeto.

Já muito doente, o escritor apaixonou-se pelas ilhas dos mares do Sul e decidiu não voltar à América. Ficou vivendo entre os nativos da Polinésia, onde era respeitado como chefe e considerado um orientador. Os indígenas o chamavam de Tusitala. Quando estava em Samoa, teve um derrame, que o matou.

Mestre na arte da narrativa de aventuras, Robert Louis Stevenson deixou também *Viagens aos mares do sul* e *Novas mil e uma noites*, além de um famoso livro de poesias, *Um jardim de versos para crianças*.

